

1 Apresentação

1.1 Justificativa e Origem da Pesquisa

Com apenas oito anos de idade recebi a proposta de visitar uma Igreja Luterana no bairro onde moro até hoje. O convite veio de um amigo que tinha minha mesma idade. Lá eu cantei, orei e felizmente participei de uma pequena montagem teatral sobre como era a vida das crianças que viviam na rua na época de Natal. Naquele momento senti dentro de mim um prazer imenso por estar fazendo algo que me deixava feliz.

Os anos se passaram e eu continuei frequentando a igreja e participando dessas montagens teatrais em datas comemorativas. Quando cheguei à sétima série do ensino fundamental, tínhamos que apresentar seminários para a disciplina de história, e eu sempre dava um jeito de teatralizar as apresentações dos grupos dos quais eu participava.

Quando cheguei ao ensino médio deparei-me com uma professora de história que usava como avaliação final do trimestre uma apresentação de teatro sobre o conteúdo abordado durante o ano. Aí, consegui realizar-me como diretor, autor, ator e até mesmo contra-regra. Comecei então a ler mais sobre teatro, procurar apresentações, pesquisar grupos e teatrólogos, e finalmente ouvi falar de *Jogos Teatrais e Improvisação Teatral*.

No terceiro ano do ensino médio fiz um teste vocacional exigido pela escola que estudara, e os resultados eram sempre ligados à educação e literatura. Fiquei muito confuso, e então surgiram os conflitos internos. Ao mesmo tempo sentia-me contente, pois o resultado ia ao encontro da minha vontade de querer ensinar; entretanto, ensinar o quê?

Ao terminar o ensino médio, para não parar de estudar, fiz um curso técnico de contabilidade - e para concomitantemente estudar para concursos e vestibulares. No ano de 2008 iniciaram as inscrições para o vestibular de 2009. Quando vi nas opções de curso *Teatro - Licenciatura*, imediatamente consegui juntar as duas maiores paixões da minha vida: Teatro e Educação.

Hoje estou no 8º semestre da faculdade e participo do projeto de extensão universitária *Teatro nas Escolas*. O projeto foi idealizado e implementado em 1999, ano em que não havia o Curso de Licenciatura em Teatro na UFPel (que teve seu início em 2008). Em conseqüência disso, a professora Fabiane Tejada da Silveira idealizou e implantou o projeto de extensão afim de que os acadêmicos dos Cursos de Artes Visuais e Música, ambos cursos de licenciatura, pudessem obter este conhecimento, vivenciar e trabalhar nas escolas com outra linguagem artística. As experiências que obtive atuando neste projeto foram uma grande soma na minha carreira profissional. O medo que ocupava meu interior era grande só de pensar em lecionar dentro de uma escola onde eu não seria um oficinairo, mas sim um professor ou educador na vida daquelas crianças. Penso que para fazer este trabalho o ser humano tem de não apenas ter vontade, mas também querer e exercer a profissão por amor a ela. O caminho que estou seguindo é o certo, o correto e é o que amo. Tenho orgulho e gratificação no que faço. Destaco aqui uma frase inesquecível na minha caminhada: "Tenho sincero respeito por aqueles artistas que dedicam suas vidas à sua arte, mas prefiro aqueles que dedicam sua arte à vida." (BOAL, 2004, p.04)

O teatro abre muitos caminhos para o ser humano conseguir ter uma vida saudável e digna, tanto na perspectiva do professor quanto na do aluno. Ser arte-educador é, hoje, meu objetivo de vida.

Com este trabalho mostrarei a importância que o projeto Teatro nas Escolas teve na formação dos alunos da Escola Medianeira e como é vista a diferença entre alunos que tiveram a oportunidade de ter esta experiência teatral dos que não a obtiveram.

Para repensar a educação nos dias de hoje, devemos considerar

um contexto social de símbolos e imagens, que propiciam ultrapassar a visão tradicional de educação. Criam-se, assim, meios para adentrar num mundo surpreendente em que as experiências pessoais de vida são elementos fundamentais para entender como se sucede o processo educacional. (ZANELLA, 2005, p.1)

A importância deste projeto de extensão na minha formação somará com minhas experiências pessoais, para assim contribuir no processo educacional dos alunos da escola Medianeira.

Todavia, a insistência pelo nosso espaço dentro da escola tem que continuar sendo pelo Teatro incluído dentro de uma instituição como uma atividade curricular, onde o aluno possa escolher cursar ou até mesmo poder ter a oportunidade de conhecer todos os ramos da arte. Acredito que o teatro tem também a função de estabelecer uma relação de respeito e compromisso consigo mesmo e com o trabalho na escola. Reconhecer a prática do teatro como tarefa coletiva de desenvolvimento da ação social é um objetivo a ser alcançado na minha prática de arte-educador dentro da escola.

Os resultados esperados ao final da atuação na escola serão as contribuições com práticas pedagógicas que resgatem o “humano” dos homens e a possível construção de uma escola crítica, capaz de responder ao desafio de educar na sociedade contemporânea.

Com meu trabalho de conclusão de curso eu pretendo mostrar para a sociedade que o programa Teatro nas Escolas somou bastante na trajetória destas crianças não só dentro da instituição, como também no seu modo de pensar, agir e expressar-se diante da comunidade.

1.2 Revisão de Literatura e Questão de Pesquisa

O modo como os jogos teatrais são utilizados na sala de aula é de suma importância para os participantes envolvidos no seu processo educacional. Segundo Alcântara “sem os jogos teatrais, o desenvolvimento ideológico e cultural da criança torna-se mais difícil.” (1992, p. 3).

O jogo como proposta educacional nas séries iniciais do ensino fundamental é capaz de produzir nas crianças certas repercussões nas demais disciplinas do currículo. Esta afirmação o autor João Freire expõe em seu artigo, relacionando também uma articulação entre a teoria e a prática, ou seja, a prática do jogo repercutirá de certa forma na teoria. Trabalhando o respeito, a construção de ideias, amizades e solidariedade através do jogo teatral, será possível que o aluno melhore gradativamente no seu rendimento escolar.

O teatro, segundo Zeca Sampaio, “tem de parar de ser visto como um adereço complementar de festas e comemorações de escolas e entrando no projeto escolar apenas como algo que auxilie o processo didático”. Concordo plenamente com o autor, e acredito que o teatro como disciplina no currículo fará com que o processo educacional dos alunos melhore cada vez mais.

Além dos autores citados, para contribuir com a escrita da minha pesquisa, tomarei como base para reflexão o artigo que consultei escrito por João Pedro de Alcântara que tem o seguinte título: “O significado do Jogo na educação Infantil”, o qual mostra que o jogo dramático e o jogo teatral são de suma importância no contexto escolar de uma criança. Usando como referencial teórico as autoras Viola Spolin e Ingrid Koudela, entre outros, Alcântara afirma que para incluir o teatro na escola é preciso seguir e observar passo a passo o processo como um todo para não se permitir perder nenhum detalhe.

Com minha experiência ministrando oficinas de teatro para crianças de séries iniciais, consigo relacionar as palavras do autor com o meu modo de trabalhar através do projeto Teatro nas Escolas.

A turma de primeiro ano do ensino fundamental da escola Nossa Senhora Medianeira tem como característica principal a agitação. Eles dispersam demais, e isso é normal na idade deles. De forma alguma eu os reprimo ou não deixo eles se expressarem, pois dou toda liberdade para os mesmos, não deixando, todavia, eles confundirem liberdade com bagunça.

A energia deles é tanta que eu estudo varias formas de conseguir usá-la de um modo favorável a eles próprios. Utilizo então os jogos teatrais das autoras aqui citadas para primeiramente conseguira atenção e concentração desses alunos, para mais adiante dar continuidade ao meu processo de educação através do teatro.

Com base nos artigos que relatei no meu trabalho de pesquisa, com o auxilio dos autores da minha referência bibliográfica e a partir da metodologia de pesquisa participante, desenvolverei o estudo que responderá a seguinte questão: Qual é a contribuição do projeto de extensão Teatro nas Escolas na formação dos alunos de séries iniciais da escola Nossa Senhora Medianeira?

2 Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Refletir sobre as possíveis contribuições do projeto de extensão Teatro nas Escolas na formação dos alunos da escola Nossa Senhora Medianeira a partir da vivencia dos mesmos com Jogos e apreciação Teatral e Contação de Histórias.

2.2 Objetivos Específicos

Tomei como eixo norteador para meus objetivos específicos do tcc, buscar o relato do grupo mostrando as possíveis diferenças, neste caso positiva, dos alunos que obtiveram experiências teatrais na escola e os que não as obtiveram. Contudo, eu aqui relaciono, a minha prática com os objetivos do Projeto de Extensão Teatro nas Escolas.

3 Metodologia

3.1 Abordagem e tipo de pesquisa

Esta pesquisa é de caráter exploratório, pois conforme afirma Antônio Carlos Gil,

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (2002, p. 41.)

Denomino o método da minha pesquisa como participante pois segundo Thiollent,

“a pesquisa participante busca o envolvimento da comunidade na análise de sua própria realidade. Ela se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, enquanto a pesquisa – ação ocorre em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo”. (1998, p. 24)

Estive decidido de que minha pesquisa com método participante não estava buscando a resolução de um problema coletivo na instituição; todavia, houve algumas mudanças que só foram feitas devido a minha presença com o projeto Teatro na Escola. Até então meu objetivo era dar uma vivência diferente aos meus alunos, fazendo com que eles tivessem uma contribuição em suas formações. Porém, refletindo os pareceres dos alunos e professores da escola junto com minha orientadora, concluímos que eu poderia, sem a intenção de fazer, não só ter resolvido um problema, como também conseguido com que à direção e professores da escola pensassem na possibilidade de incluir o teatro no currículo. Continuando meus estudos sobre metodologias de pesquisa encontrei o autor Pedro Demo. Este pesquisador não faz distinção entre pesquisa ação e pesquisa participante, “*pois as duas lidam diretamente com a prática*”(1985, p.82.). Devido a essas afirmações - e

tantas outras - minha orientadora e eu, enfim, conseguimos distinguir que minha pesquisa é participante. No entanto, minha metodologia obteve mudanças não previstas por mim.

3.2 Área de abrangência e participantes

Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Medianeira: Rua Almirante Barroso, centro, Pelotas/RS. Os participantes foram os alunos do segundo ano do ensino fundamental. Diretora, vice-diretora e pais dos alunos contribuirão nas entrevistas.

3.3 Coleta de dados

Diário de bordo, entrevista semi-estruturada com direção e pais de alunos, fotos e vídeos das aulas, desenhos dos alunos.

3.4 Análise das Informações

Análise escrita dos vídeos e dos desenhos das aulas.

3.5 Procedimentos Metodológicos

Os principais procedimentos metodológicos foram a observação participante, e posteriormente a análise das entrevistas semi-estruturadas.

4 A contribuição do projeto Teatro nas Escolas com alunos de séries Iniciais

4.1 O Projeto Teatro nas Escolas

O Projeto de Extensão Universitária Teatro nas Escolas, idealizado e implementado no ano de 1999 no curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPEL pela professora Fabiane Tejada, está formado atualmente por acadêmicos e professores dos Cursos de Teatro – Licenciatura, e conta com a parceria de alunos da pós-graduação em Educação e técnicos administrativos do curso de Teatro.

Tem por objetivo estimular o desenvolvimento da arte teatral no contexto escolar, seja do ponto de vista do trabalho de formação de professores para atuar com esta linguagem na escola, ou da perspectiva de proporcionar experiências de oficinas teatrais a alunos do ensino fundamental.

O público alvo são os alunos e professores de escolas municipais e estaduais da cidade de Pelotas e região. Buscamos através de oficinas extraclasse: estimular o desenvolvimento da criatividade e ampliação da imaginação na criança e adolescente através do contato direto com jogos e exercícios teatrais, qualificar o educador e o educando para a vivência e o domínio da linguagem teatral, ampliando o repertório expressivo dos sujeitos envolvidos no processo, e promover a prática no ensino de teatro aos acadêmicos envolvidos. As contribuições teóricas são do campo da educação (FREIRE, PIAGET, VIGOTSKY), e da pedagogia do teatro (STANISLAVSKY, RYNGAERT, BOAL, SPOLIM, KOUDELA, PUPO, DESGRANGES).

Com minha participação desde o ano de 2009 neste projeto, nós viemos aumentando o número de escolas envolvidas, e, por consequência, o número de pessoas contempladas.

Podemos salientar o valor da linguagem teatral na formação e desenvolvimento do ser social, criativo, crítico, reflexivo e sujeito da própria história, capaz de expressar seus sentimentos, suas angústias e alegrias, de analisar e construir o mundo em que vive.

Além das atividades semanais nas escolas, promovemos reuniões com a participação de todos os integrantes para que possamos estudar as referências, discutir, planejar, comentar e avaliar nossas ações.

Para complementar minha afirmação e contribuir no esclarecimento das ideias do projeto, destaco um trecho no qual a professora Fabiane Tejada da Silveira diz que:

Antes da segunda metade do século XX, o teatro na escola era concebido como a encenação de uma peça ou o uso de uma leitura durante as aulas de latim e francês. A partir de 1917, ele passou a servir como método de ensino, para que o aluno aprendesse outras disciplinas na escola, promovendo a desinibição e a socialização. (2008, p. 91)

O teatro na escola não busca a formação de atores, mas o constante exercício da prática social dos alunos, permitindo que eles trabalhem melhor em conjunto, se expressem com mais desenvoltura e, obviamente, desenvolvam sua consciência crítica.

Podemos pensar como processo educacional um jogo teatral que busca a familiarização dos alunos com a linguagem corporal, a presença de cena e os aspectos de produção coletiva. O teatro, como meio didático, oferece a oportunidade

para que os alunos conheçam mais a si próprios e aos outros que os cercam, operando a arte como um processo colaborativo.

4.2 A entrada na Escola Nossa Senhora Medianeira

Minha chegada à escola Medianeira, ao mesmo tempo em que aconteceu por uma solicitação, deu-se também por intuição. Eu estava no segundo semestre do curso de teatro e tinha uma disciplina de Educação Brasileira e Organizações Públicas (EBOP), a qual exigia uma entrevista com alguma professora que lecionasse com séries iniciais ou educação infantil a respeito do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

A professora do currículo, com quem tive contato e que também era a orientadora pedagógica desta escola, apresentou-me um projeto inacabado, ou seja, ele estava em processo de conclusão. Alunas do curso da pedagogia da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) estavam auxiliando esta pedagoga com o objetivo de finalizar o presente projeto.

De certa forma, minha presença fez com que elas se sentissem apoiadas, pois, de algum modo, consegui auxiliar as meninas também. Com a disciplina de EBOP eu tive acesso a alguns modelos de Projeto Político Pedagógico, e tirando base desses moldes, as alunas da pedagogia terminaram o projeto da escola Medianeira.

O que mais me deixou feliz foi que neste PPP da escola acrescentaram o ensino do Teatro como disciplina no currículo dos alunos, ou seja, no horário em que as professoras ministravam a educação artística - ou a famosa "recreação" - era encaixado o teatro, contudo, apenas se estivesse presente algum estagiário da área na instituição. Vejo que minha presença na escola Medianeira amadureceu alguns pensamentos tanto nos professores titulares quanto na própria direção escolar.

Portanto, aquela primeira semana atuando na escola despertou-me uma vontade imensa de atuar lá com o teatro para crianças.

A professora pedagoga da escola convidou-me para trabalhar "a hora do conto" com seus alunos do pré. Imediatamente aceitei a proposta, pois assim pude interligar a minha prática com esses alunos ao projeto de extensão Teatro nas Escolas.

Nesta experiência foi trabalhada a hora do conto, em que cada dia eu brincava de contar histórias de uma maneira diferente. Um dia eu era personagem, outros, apenas de narrador, onde eu levava objetos auxiliares daquele conto fantasiado.

No ano seguinte procurei a escola novamente e, sem dificuldade alguma, consegui continuar ministrando oficinas de teatro para esses mesmos alunos, porém, agora eles já estavam no primeiro ano do ensino fundamental.

Percebi que a turma, apesar de participativa, era bastante agitada pelo fato de serem crianças pequenas e também pelo método diferente dos outros professores ministrarem suas aulas, fazendo com que a bagunça provocada pelos pequenos não fosse motivo de atrapalhamento.

No decorrer do trabalho comentarei a fundo as atividades desenvolvidas nesta turma no ano de 2012, que foi o período que tomei como base para a escrita desta pesquisa.

A oportunidade de começar um processo educacional era única, pois no próximo ano eu também poderia continuar com estes mesmos alunos, e assim somariam – se três anos que estas crianças praticariam oficina de teatro - e eu aprenderia, na prática, a ser professor.

4.3 Atividades Lúdicas Desenvolvidas

Minha presença na escola já era bastante comum, sendo que os pais e todos os funcionários e professores já conheciam meu trabalho e a mim.

Sempre busquei nas oficinas que ministrava levar algo diferente, e ao mesmo tempo algo que despertasse interesse nos alunos para que, se eles gostassem ou não de tais atividades, me dissessem o motivo de querer ou não realizá-las.

Busco sempre saber a aceitação dos alunos para com as atividades que levo para sala de aula, já que não adianta eu chegar ao meu objetivo com aquela prática se eles não se interessam em fazê-la. Penso que eles podem trabalhar este modo de expor suas vontades através do teatro, pois como disse Fabiane Tejada da Silveira:

“acredito na necessidade da formação do sujeito emancipado, que possa ser preparado para pensar a sua vida e a do outro”.
(TEJADA, 2008, p. 50).

O meu pensamento se iguala ao da autora, pois se um aluno de sete anos de idade é capaz de dizer ao professor que não gosta de alguma atividade - bem como o modo que ele argumenta sobre isso - é um forte sinal de que minha prática pedagógica está influenciando na formação deste sujeito.

4.3.1 As oficinas de jogos Teatrais

Como começar uma oficina de teatro e não aplicar jogos teatrais? Quando eu iniciei a cursar o curso de teatro e fiz a cadeira de teatro na educação I, II e III eu sempre busquei ao máximo apreciar os jogos abordados em sala de aula, para assim poder utilizá-los com os meus alunos. No entanto, as salas de aula de uma escola - na maioria das vezes de rede pública - não oferecem um espaço propriamente adequado para a realização destes jogos.

Quando um professor de teatro entra em uma escola – sendo eu apenas um estagiário, e solicita uma sala para poder exercer suas atividades, a direção pensa imediatamente em responder que a escola não possui um espaço de teatro, ou seja, um palco. Coloco esta afirmação agora, pois quando entrei para o Medianeira, fui ministrar minhas oficinas de jogos teatrais na biblioteca desativada da escola. Fiquei satisfeito com o espaço cedido a mim, todavia, a sala possuía muita informação visual que deixava as crianças extremamente dispersas do objetivo principal que era o teatro.

A sala possuía muitos livros espalhados pelas mesas, cadeiras, mesas de computador e algumas sucatas e restos de tecidos que a escola utilizava para fazer a decoração das festas da mesma. Quando eu conseguia a atenção da maioria e muitas vezes de todos, o trabalho fluía bem, independente de a sala estar ou não bagunçada.

Os jogos teatrais, conforme afirma Ingrid Koudela, foram originalmente desenvolvidos por *Viola Spolin*, com o fito de ensinar a linguagem artística do teatro a crianças, jovens, atores e diretores. (KOUDELA, 1999, p. 15).

Para falar sobre os jogos teatrais destaco o método criado pela arte-educadora *Viola Spolin*, suas orientações, e as técnicas por ela elaboradas. Uma obra bastante usada como referencial para minhas oficinas de teatro foi o *Fichário de Viola Spolin* (2006). Esta obra tem a proposta oferecer ferramentas para que o professor ensine passo a passo para as crianças, adolescentes e adultos, as estruturas da linguagem teatral por meio da criatividade

no jogo teatral.

Utilizo o método de Spolin não só com essas crianças de sete anos de idade, mas de qualquer faixa etária, trabalhando a voz, o corpo e a mente, sempre através de jogos com regras previamente socializadas para o grupo de jogadores. Os exercícios de improvisação são pautados basicamente pela estrutura tríplice “*Quem*” (que corresponde ao personagem que o ator-aluno interpretaria), “*Onde*” (o lugar que o personagem está), e “*Oque*” (qual o objetivo do personagem, suas principais ações, motivo de existência, o que ele faz).

Um exemplo simples deste jogo que costumamos usar nas oficinas é o Jogo do Quem. Falamos para os jogadores “o quem”, e apenas com expressões corporais, sem emitir sons vocais, o aluno mostra o “quem”, “o onde” e “o quê” para a platéia. O mesmo exercício, às vezes, é proposto sem ser dito o “onde”, “o que” e o “quem”; sendo assim, o aluno que encenará terá como objetivo criar e mostrar para o grupo os três elementos propostos.

Os meus alunos da escola Medianeira sempre gostaram de fazer jogos teatrais, porém as regras os incomodavam. Em alguns dias sua energia era tamanha que então logo ao iniciar eu partia para um relaxamento, onde solicitava para que todos se deitassem no chão ou sentassem na classe e assim fechassem os olhos. Com o barulho, risadas e gracinhas ainda acontecendo, eu colocava uma música não muito alta, bem suave e relaxante, e, com isso feito, pedia silêncio para que todos, inclusive eu, ouvisse a música. Todavia, não era possível ouvir com a continuidade de sua agitação, até todos notarem que eu não daria continuidade a aula sem que um aluno apenas não fizesse mais barulho.

À medida que o tempo foi passando, minha chegada à escola e à sala de aula foi sendo compreendida e respeitada. Minha presença era de costume tanto dos professores, que me cumprimentavam, pois já me conheciam, e dos alunos que ao entrar na sala já sabiam que era hora de afastar as mesas e cadeiras, porque o professor de teatro havia acabado de chegar. Essa tomada de decisão deles sem que eu pedisse o favor dos mesmos era notável de se entender pelo seguinte fato: eles não queriam perder um minuto sequer da aula de teatro.

Como já havia dito, os jogos teatrais que eu levava para aplicar nessas oficinas, grande parte deles eram dos livros da autora *Viola Spolin*. O primeiro jogo que levei foi o “Quem iniciou o movimento?” que exigia atenção, trabalho em grupo e expressões corporais.

Este jogo apliquei de forma com que todos os alunos participassem como um grande grupo, sentados ou em pé na sala, em forma de círculo para que apenas um dos jogadores tivesse espaço suficiente para se movimentar no meio destes. O objetivo era encontrar o indivíduo que muda os movimentos fazendo com que todo o resto do pessoal o imitasse. Está a cargo de um dos alunos procurar outro ser - o que faz as mudanças - e todo o resto imitar o “mandante”.

Este jogo foi repetido inúmeras vezes em dias diferentes durante minha presença com eles, pois a atenção que eles davam para aquela atividade era linda de ver. Exemplo disso era quando um aluno do grande grupo estava desatento ao jogo, e por algum motivo errava o movimento que estava sendo feito e os demais chamavam a atenção uns dos outros para aquilo não se repetir, e eu, até certo ponto, não precisava interferir em nada. Eles mesmos se corrigiam. Para melhor esclarecer, destaco o que Viola Spolin diz a respeito de lidar com este “jeito” diferenciado de agir com nossos alunos:

Temos receio de nos desligarmos de padrões convencionais de pensamento e ação. Assim sentimo-nos confortáveis, talvez mais controlados. (...) A liberdade criativa depende da disciplina. Na verdade, uma pessoa livre, trabalhando com uma forma de arte, deve ser altamente disciplinada. (2000, p. 257)

Além de trabalhar o corpo e atividades em grupo, busquei levar exercícios que exigissem deles a imaginação e criatividade. Exemplo disso é o jogo “Onde, Quem e O Que”. Com este conteúdo eu pude trabalhar diversas formas.

Para conseguir introduzir esses três aspectos, separei estes em duas semanas. Na primeira semana, trabalhei o “onde”. Levei varias opções de lugares onde eles pudessem inventar historias sobre os espaços mostrados. Logo, eu pedia para que em duplas eles mostrassem com ações qual lugar era aquele em que se encontravam. Isso, inicialmente, se deu como algo muito complexo para eles.

Era difícil explicitar o local em que estavam sem utilizar a voz e sem ser através de mímicas, porém, eles deviam falar e expressar-se com o corpo de forma que os demais adivinhassem que lugar era aquele.

Neste momento eles percebiam que havia uma platéia ali, e que precisavam se concentrar e fazer com que suas apresentações fossem boas o bastante para serem compreendidas.

Em certo momento a própria autora destes jogos diz que:

“(...) a platéia é o membro mais reverenciado do teatro e que sem ela não há teatro. Eles são nossos convidados e avaliadores e também os que dão significado para o nosso espetáculo”. (SPOLIN, 2000, p.11)

Com essa idéia de que é importante fazer e mostrar para a platéia, no caso deles para os seus colegas, a qualidade dos seus trabalhos era de se surpreender. Qualidade essa não de serem ótimos atores, mas sim de se “jogarem com tudo” na proposta da atividade.

Na segunda semana após o início deste processo de trabalho, levei exercícios que trabalhassem o “O que” e “Quem”. Percebi que seria muito conteúdo a ser abordado, e então resolvi utilizar estes dois aspectos separados, pois concluí que trabalhando os dois juntos a aula não se tornaria maçante.

Foi então que resolvi trabalhar o processo de *fisicalização*. Este elemento dos jogos teatrais se apresenta de forma que o material é apresentado ao aluno de modo físico e não verbal, fazendo com que este se encoraje e assim liberte expressões físicas.

O importante de se mostrar em cena é o concreto (o físico) e que este não seja contado. Fazendo isso teremos resultados satisfatórios, porque é com a *fisicalização* que tornamos a cena mais clara e com mais vitalidade. Tenho como exemplo disto as improvisações com objetos imaginários.

O objetivo do aluno neste momento não é fazer de conta que está comendo uma fruta, por exemplo, e sim mostrar ao grupo que está comendo a fruta, fazendo com que todos os movimentos sejam objetivos e claros para a platéia “ver” que realmente ele está comendo algo.

Para concluir este capítulo destaco a *avaliação*, que Spolin também apresenta em sua metodologia teatral. Na avaliação procurei fazer com que cada um aceitasse as diferenças de todos.

Tive aqui a oportunidade de colocar o grupo em roda e fazer com que eles avaliassem o trabalho dos colegas, com o objetivo de mostrar a importância de estar atento às apresentações dos amigos. Já eu, como professor, tenho como maior preocupação trazer essas avaliações para o foco do jogo realizado, ou seja, se eles perceberam que atingiram ou não o objetivo daquela atividade, conforme salienta Spolin.

4.3.2 Apreciação Teatral

Trago este item como um subtítulo separado dos demais, pois percebi que foi muito importante para os meus alunos essa experiência de ser espectador. Para eles, a importância de mostrar algo para os colegas (que neste caso eram a platéia) era um

momento de muita diversão devido a alguns fazerem palhaçadas ou até mesmo algo equivocado na opinião deles mesmos, resultando em gargalhadas no final.

A minha preocupação nestes casos era não os deixar dispersarem e perderem o foco no que realmente era para ser observado. Contudo, foi desta forma que os preparei para a ocasião de assistirem a algum espetáculo, feito por eles ou não, se comportarem e se preocuparem em dar atenção para o que estará sendo apresentado, pois seria total falta de respeito com os atores ficar falando durante suas apresentações.

Com essa constante prática de saber respeitar e conseguir observar o trabalho dos colegas foi que surgiu a idéia de levar um espetáculo para eles assistirem dentro da escola. O mais importante, além de levar um trabalho, era deixar claro qual o objetivo que eu queria atingir com isso.

Sempre busquei ser bem objetivo nas minhas propostas, sendo que, quando atingidas, eles mesmos percebiam a minha felicidade e comemoravam comigo também. Um exemplo disso foi um exercício que propus, no qual uma dupla apresentou uma pequena historia sobre “*A Chapeuzinho Vermelho*”, e o objetivo era que os demais descobrissem quais eram aqueles personagens.

No final das atuações surgia um pequeno debate onde cada um colocava seu ponto de vista diante a turma. O bom disto tudo era que quando um colega criticava o outro dizendo que ele não soube imitar bem o lobo mau, por exemplo, eu contornava a situação deixando eles a par de que o objetivo era descobrir quais eram os personagens da historia, e não falar sobre a qualidade do trabalho do outro. Com essa idéia bem clara para todos foi que eu consegui, e acredito que bem rápido, torná-los críticos e de certa forma espectadores ativos.

Mais adiante neste processo, comecei a perguntar a opinião deles em relação às apresentações desses trabalhos, fazendo com que a turma falasse para o grupo o que estava bom ou não, porém não adiantava apenas dizer que estava ruim, era também necessário mostrar para todos como poderia ser melhor. Certos constrangimentos às vezes apareciam, mas os resultados também foram satisfatórios.

Com a turma já acostumada a assistir aos trabalhos dos amigos, sabendo respeitar e lidar com a dificuldade de alguns, foi que utilizei minha idéia de levar um espetáculo para a escola. Consegui levar à peça infantil “*A princesa engasgada*”, esquete construído pelos alunos do curso de Teatro da Universidade Federal de Pelotas.

Durante a espera para que atores entrassem em cena, o cenário que era montado pelo elenco podia ser visto por todos nós da plateia, e isso era uma coisa nova para eles, pois o grupo não utilizou cortinas, iluminação ou qualquer outro elemento para enfeitar o espetáculo; usaram apenas alguns figurinos, maquiagens e objetos que os personagens manuseavam em cena.

Observar a carinha de surpresa dessas crianças era admirável. Tenho consciência de que eles eram crianças pequenas e é normal em suas faixas etárias surgirem comentários, risadas ou pequenas bagunças, porém a receptividade deles era surpreendente até mesmo para o grupo que ia apresentar-se. Um deles inclusive comentou no debate que os olhinhos deles brilhando, vendo aquilo tudo, eram de uma graciosidade inesquecível.

Ao final do espetáculo os atores abraçaram e beijaram as crianças e os deixaram manusear os objetos e figurinos dos personagens, e logo depois teve início um pequeno debate onde os alunos expuseram suas opiniões.

A peça em si falava sobre a violência contra as mulheres, no entanto de uma forma extremamente delicada e discreta. Ao mesmo tempo em que mexia com este assunto, brincava com as cores e os números de forma lúdica onde os alunos participavam de forma diversificada. Isso rendeu bastante diálogo com os pequenos, e ao escrever meu parecer sobre aquela atividade lembrei-me do que Luiz Fernando de Souza diz a respeito da importância do teatro dentro da escola:

Queremos que o teatro possa ser mais utilizado na escola no

sentido de trazer para seu interior a cultura do mundo, fazendo do espaço escolar um lugar de discussão de ideias, de experimentação de variadas linguagens artísticas, de encontro entre seus diversos segmentos, de revisão de conceitos arcaicos. (2008, p. 63.)

A idéia exposta pelo autor fez-me refletir sobre minha iniciativa de levar o espetáculo para a escola e obter um resultado satisfatório onde os alunos puderam discutir suas ideias ao mesmo tempo em que estavam de frente com uma questão bastante preocupante na sociedade, que é a violência.

4.3.3 Contação de histórias

O “contar história” é fazer de conta que aquilo é verdade, é contar um fato de modo com que a criança fantasie e imagine tudo aquilo como se estivesse vivendo aquele momento único.

Como já havia dito num momento anterior, comecei a trabalhar com esta turma quando eles estavam na pré-escola. Atualmente, estando no segundo ano do ensino fundamental o interesse em ouvir e contar histórias continuava sendo uma atividade agradável para eles.

Acredito que essa forma de arte é riquíssima, pois além de aguçar o senso crítico e comum dos alunos, eles sentem maior entusiasmo em querer aprender a ler e escrever.

Nas aulas que preparei com as histórias a serem contadas, eu ia com o intuito de atingir alguns objetivos específicos. Na primeira ocasião (com eles já no segundo ano do ensino fundamental) em que contei uma história, levei alguns objetos para alimentar a imaginação deles no decorrer do conto.

Neste dia a história que contei foi do “Homem de Pão-de-Mel” e os objetos que havia levado eram biscoitos, panelas, formas e talheres, pois na medida em que o protagonista da historinha preparava os biscoitos de pão de mel, eu ia interpretando-o de forma que utilizava os objetos para eles vivenciarem como o personagem agia na história.

Eles adoravam o método que eu utilizava para contar essa história, e à medida que esta ia se desenrolando, a pressa que eles tinham de comentá-la era muito visível.

Num segundo momento, levei a história de um menino que havia sonhado com animais estranhos e que dava nomes para esses animais, sendo que ele os denominava com os nomes dos próprios alunos da sala e a característica dos animais igualava-se com o modo de ser dos alunos. A história foi inventada por mim e ela não tinha um final, logo, o objetivo desta aula era bem claro: eles deviam inventar um desfecho.

Fiquei muito satisfeito com a aula, pois eles colocaram a mente para funcionar e inventaram finais esquisitíssimos e ao mesmo tempo muito interessantes para a história. A prática de ouvir histórias tornou-se freqüente, entretanto, o contar era o que eles mais tinham vontade de fazer. Flávio Desgranges discorre sobre esta prática dizendo que:

Quem sabe ouvir uma história sabe contar histórias. Quem ouve histórias, sendo estimulado a compreendê-las, exercita também a capacidade de criar e contar histórias, sentindo-se, quem sabe, motivado a fazer história. (2006, p. 23.)

Foi exatamente o que aconteceu. Eles sentiam-se estimulados a contar e inventar ao mesmo tempo, e isso era mais um objetivo atingido por eles com grande êxito.

Percebi então que estava chegando à reta final da minha prática com esta turma e que todas as atividades tiveram contribuição na formação destes sujeitos.

Contudo, deixar a prática de “contar história” para o final foi muito bem elaborado, pois eles chegaram aí mais desinibidos e com menos preconceito em relação ao colega que era mais envergonhado, por exemplo.

Assim, neste momento eles já sabiam trabalhar em grupo e aceitar as diferenças do outro. Destaco um trecho do livro *Um palco para o conto de fadas* que fala a respeito dessas minhas percepções:

Através da dramatização de narrativas fantasiosas, podemos afetar o imaginário infantil pelo sensível, provocando a aquisição de conhecimento, a aproximação entre opostos, o respeito à alteridade, a valorização da experiência individual, no momento mesmo em que as crianças são estimuladas a se expressarem pela arte e aprender com ela. (SOUZA. 2008, p. 38.)

A prática de ouvir e saber ouvir, contar e saber contar foram muito bem trabalhadas e propiciaram belos resultados ao final da minha atuação na escola.

4.4 Ideias e pareceres dos alunos

Ao sair da escola no mês de Agosto do ano de 2012, iniciei a organização das entrevistas que fiz com os alunos, sendo que estas também foram pensadas de maneira descontraída para aplicar a eles.

Quando os alunos voltaram das férias do meio do ano, procurei a escola novamente para realizar estas perguntas. Um acontecimento que ficou marcado em minha memória foi que, ao entrar na sala para fazer as entrevistas, eles me receberam com muita euforia, beijos, abraços e risadas achando que eu iria ficar com eles novamente até o final do ano. O afeto que construímos nestes quase três anos de convivência foi muito forte e, assim como eles, eu também estava de coração partido em ter que ir embora.

Iniciei então as entrevistas, em que eu solicitei a eles que sentassem em círculo no chão e passei para eles uma caixinha com o nome de todos escritos em papezinhos. Esta caixa passava de mãos em mãos até eu pedir para parar, e dela cada um tirava um nome e lia de quem era a vez de responder à minha pergunta.

Conforme iam me respondendo, eu escrevia no quadro negro as palavras-chave de suas respostas. Ao mesmo tempo em que era uma dinâmica diferente das que eles já tinham feito, o exercício exigia a leitura, que, por sinal, para alguns ainda estava sendo bem difícil.

A primeira pergunta feita por mim a uma menina, que aqui denomino como aluna A, foi se ela havia gostado das aulas de teatro durante este tempo todo em que o professor Dionata esteve na escola. Esta respondeu que sim, e sem eu perguntar o porquê, já foi dizendo que tinha adorado tanto pelo fato de eles poderem brincar - e que o professor brincava junto com eles - como também que o não usar mesas e cadeiras e ter que fazer a aula toda em pé era legal.

A segunda pergunta foi para um menino, o aluno B, que devia responder quais atividades ele mais havia gostado e por que. Imediatamente, sem parar para refletir, ele respondeu que gostava de fazer o jogo de adivinhar quem eram os personagens, quem iniciava o movimento, e a atividade de gelo e água - que também era muito boa, já que íamos para o pátio do colégio e corríamos bastante. Essa atividade eu fazia sempre que eles estavam agitados demais; eu aproveitava essa carga toda para fazer com que eles cansassem correndo, porém, a atividade também tinha regras que deveriam ser cumpridas como qualquer outro jogo.

O próximo aluno a responder, o aluno C, sempre foi uma criança muito agitada e os outros professores sempre me diziam que iriam tirá-lo do teatro caso não se comportasse nas outras aulas. Eu sempre tive o conceito de que esse pensamento era equivocado, pois o teatro podia ajudar esse aluno a perceber que os seus modos podiam melhorar perante os outros professores.

A pergunta sorteada para ele foi perfeita: se antes das aulas de teatro a turma bagunçava com a outra professora e porque no teatro era diferente. Ele, meio

envergonhado, tentou enrolar, mas acabou falando que eles sabiam que bagunçar era feio, e com as aulas de teatro eles estavam aprendendo a não bagunçar mais e também a respeitar os colegas.

Aproveitando essa resposta, indaguei o porquê de a diretora reclamar da bagunça deles, e logo outro aluno levantou-se e declarou que quando as aulas eram chatas tendo que ficar “horas” sentados copiando matéria do quadro eles acabavam conversando entre si e a professora não gostava e, portanto, reclamava deles.

Para concluir as entrevistas, perguntei no geral, para toda a turma, o que era teatro, e eles foram respondendo que era encenar, jogar, brincar, diversão, histórias, gincanas e desenhos. Por fim, a aluna A levantou o dedo e disse que Teatro era tudo o que eles tinham aprendido com o professor Dionata.

4.5 Ideias e pareceres dos pais e Direção da Escola

Quando entramos em uma escola e esta por sua vez tem uma direção ou corpo de professores que não se importam com a arte – educação, ou muitas vezes não tem conhecimento do quão é essencial - o estagiário de arte acaba frustrando-se com o modo como é recebido na instituição de ensino. Comigo foi diferente; a receptividade que eu tive por todos foi ótima e, sem ao menos eu ter por objetivo principal a compreensão da comunidade escolar com o meu trabalho, obtive grandes surpresas com as respostas das entrevistas feitas para os pais dos meus alunos e para a direção da escola.

Colocarei as entrevistas na íntegra, pois acho necessário destacar as palavras dessas pessoas que tanto influenciam a escola e a vida dessas crianças.

A primeira a ser entrevistada é a Vice-diretora da escola, Sandra Maurer Tabim, formada em Magistério do Ensino Médio, Licenciada em Psicologia e Especializada em Psicopedagogia Clínica. Fiz algumas perguntas em relação às observações das aulas e apresentações dos alunos a que ela assistiu, e suas palavras foram as seguintes:

“O Teatro é um espaço onde a criança tem a oportunidade de expressar seus sentimentos (emoções e alegrias) e de trabalhar suas ansiedades, tristezas e desenvolver também sua coordenação motora através das expressões corporais”

“A criança age com naturalidade e logo manifesta através de seu comportamento o lado “positivo” que o teatro proporciona. Participando de jogos teatrais ela logo terá mais interesse pelas atividades propostas, mais “disciplina” diante de situações de recreação e além do mais, irá melhorar sua postura corporal (motora)”.

“Eu noto de cara quando uma criança saiu das oficinas do Dionata, pois é através do lúdico que a criança canaliza suas angústias, refletindo em sala de aula o quanto o teatro lhe proporcionou”.

Essas observações feitas pela vice-diretora reafirmam que minhas conclusões e pareceres não são vistas apenas por mim, mas também por pessoas que deveriam notar essas possíveis contribuições do teatro para a formação das crianças, neste caso a comunidade escolar.

A diretora da escola, Cátia Coutinho, que é formada em Pedagogia, logo foi entrevistada e sua observação perante esse processo educacional através do teatro também se deu, conforme ela disse, com resultados satisfatórios. Ela diz que:

“É um trabalho excelente, pois exercita a socialização e desenvolve a coordenação motora. Além de ser um facilitador no que diz respeito à aprendizagem”.

“Os alunos que fizeram parte deste processo, obtiveram mudanças nas atividades em sala de aula tornado-se mais atentos, além de melhorarem seu comportamento na hora do recreio com os colegas e professores.”

“Estas aulas proporcionam tudo o que uma criança necessita para que se torne um aluno participativo, centrado e assíduo. Esta disciplina, com certeza, será obrigatória nos currículos da nossa escola em 2013.”

A conclusão da entrevista feita com a diretora me imbuí de esperança ao saber que, se depender desta profissional, a escola terá o ensino do teatro em seu currículo. Vejo que

aqui eu consegui plantar algo que no futuro será muito promissor. O meu único objetivo, primeiramente, era conseguir dar uma vivência de teatro aos pequenos, no entanto, o modo como me entrosei com a escola fez com que a direção e os professores refletissem sobre a minha prática pedagógica.

Por último, mas jamais menos importante, eu procurei dois pais dos meus alunos, que são os supracitados (A e B), para que comentassem sobre a importância do teatro na educação de seus filhos e se era perceptível a possível contribuição que o projeto operava no seu rendimento escolar. As respostas foram magníficas, pois eu não poderia imaginar que a opinião dos pais era de que a prática do teatro na escola era necessária. Destaco então o parecer da mãe da aluna A:

“A importância do teatro para as crianças é de trazer a cultura, educação e aprendizado. Ajudam eles a se relacionarem melhor com os outros”.

“Noto que minha filha ficou mais alegre, disposta e com novas idéias de brincadeiras”.

“O teatro ajuda muito no desenvolvimento educacional e social da criança”.

Essa mãe ainda acrescentou que estudou até a sexta série do ensino fundamental e que sentia falta, naquela época, de disciplinas que disponibilizassem diferentes metodologias.

A segunda pessoa que falou sobre essas questões foi a mãe do aluno B. Ela era muito presente na escola, e sempre que possível, procurava os professores para saber do comportamento de seu filho. Ela foi uma das mães que, em uma ocasião, pediu para assistir uma aula minha. Seu parecer não foi diferente dos demais, e acrescentou que:

“Toda e qualquer cultura é sempre um acréscimo na educação. Desinibir-se e organizar-se são complementos para que todos trabalhem juntos para assim obterem um objetivo em comum”.

“Com certeza o teatro sempre trará pontos positivos. A maneira de se expressar, por exemplo, é o que noto a cada dia como melhoria no meu filho”.

Com todas essas reflexões dos pais, alunos e professores da escola, concluo que o objetivo de relatar a necessidade do ensino do teatro na escola foi bem exposto e observado por todos.

5 Considerações Finais

Várias reflexões surgiram depois de todas as etapas desta monografia. Digo isto, pois, além de todos os capítulos eu estar respondendo a minha questão de pesquisa, junto com a minha orientadora fui discutindo sobre a metodologia que vinha desenvolvendo ao longo da escrita deste trabalho.

Os métodos de pesquisa-participante e pesquisa-ação buscam lidar diretamente com a prática, todavia, só a pesquisa-ação busca a resolução de um problema. Mas o fato de os professores e a diretora da escola conhecer o meu trabalho, e com isso, quererem incluir o teatro nos currículos, não foi uma forma de solucionar uma problemática?

Esta pergunta eu não posso responder com toda a certeza, mas se esse exemplo que aconteceu comigo não é denominado como pesquisa – ação é porque este tipo de metodologia só acontecerá quando o indivíduo tiver a intenção de resolver tal problema.

Os objetivos do projeto Teatro nas Escolas sempre foram bem discutidos em suas reuniões, e com isto, busquei nunca fugir destes, para que no meu trabalho de conclusão de curso eu mostrasse que o Teatro, através deste projeto, contribuía na formação desses alunos de séries iniciais.

Cabe ainda relatar que o Projeto Político Pedagógico da Escola Nossa Senhora

Medianeira, foi adaptado para que haja oficinas de Teatro em seu currículo. O PPP da escola foi concluído um ano antes de eu me ausentar de lá. A ajuda das alunas do curso de pedagogia da Universidade Católica de Pelotas, foram uma soma essencial para que terminassem este documento.

Em suma, o valor que tem o teatro na escola, pode ser bem destacado nestes meus três anos de convivência nesta instituição.

Referências:

ALCÂNTARA, João Pedro de. **O significado do Jogo na Educação Infantil**, 1992.

BOAL, Augusto. **Jogos para Atores e Não Atores** – Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec: Edições Mandacaru, 2011. (Pedagogia do Teatro)

FREIRE, João Batista e GODA, Ciro. **Fabrincando: as oficinas do jogo como proposta educacional nas séries iniciais do ensino fundamental**, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas. SP: Editora Alínea, 2007.

MERÍSIO, Paulo / CAMPOS, Vilma (organizadores). **Teatro ensino, teoria e prática**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. **Texto e Jogo**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido. **Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente**, 2005.

RAMOS, Albenides. **Metodologia da pesquisa científica: Como uma monografia pode abrir o horizonte do conhecimento**. São Paulo: Altas, 2009.

SAMPAIO, Zeca. **A construção de um saber teatral na escola**, 2010.

SILVEIRA, Fabiane Tejadada. **O jogo teatral na escola: uma reflexão sobre a construção de sujeitos históricos**. Pelotas: Ed. Universitária UFPEL, 2008.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil** (tradução de Tatiana Belinky ; direção de edição de Fanny Abramovich). – São Paulo: Summus, 1978.

SOUZA, Luiz Fernando de. **Um palco para o conto de fadas: Uma experiência Teatral com Crianças Pequenas**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro** / Viola Spolin; [tradução e revisão Ingrid DormienKoudela e Eduardo José de Almeida Amos]. – São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin**. Traduzido por Ingrid D. Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.

THIOLLENT, Michel Jean Marie. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1998.

ZANELLA, AndrisaKemel. **O Teatro na Formação de Professores: entre Memórias e Representações**, 2005.